

Mulheres sertanejas: vidas em narrativas*

Melina Borges Rosa Cavalcante**

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro***

Resumo: O presente trabalho desenvolve uma reflexão sobre o cotidiano das mulheres sertanejas, à luz da perspectiva de gênero. O objetivo é dar visibilidade aos vieses que marcam as histórias de vida dessas mulheres, que se colocam como protagonistas e negociam a realização dos próprios desejos. O artigo trata especificamente das mulheres que viveram no Brasil central (GO) nas décadas de 1960/70, momento histórico que antecede a urbanização da região.

Palavras-chave: mulheres sertanejas; cotidiano; gênero

Abstract: The present work proposes a reflection about the daily life of “sertanejas” women in the light of gender perspective. The main purpose is to give visibility to the key aspects of these women’s life, who are protagonists and deal with reality do fulfill their desires. This article focuses on the women who lived in Central Brazil (GO) in the decades of 1960/70, historic moment before this region’s urbanization.

Keywords: “sertanejas” women; daily life; gender

* Esse artigo faz parte da apresentação do dossiê *gênero e sexualidade* e não foi submetido à avaliação por pares.

** Melina Borges Rosa Cavalcante, Psicóloga graduada pela PUC-SP.

*** Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro, Pós doutora em História pela UFRJ/RJ, professora titular da PUC/GO do curso de graduação em História e do Programa de Mestrado em História e do Mestrado em Letras.

Por considerarmos que as mulheres sertanejas têm vidas inteiras que merecem ser ditas e ouvidas, este artigo propõe discutir os vieses que intersectam o cotidiano dessas mulheres, seja o trabalho, seja a sexualidade, seja o lugar em que estão historicamente inseridas. O que designamos por mulheres sertanejas? O conceito “mulheres sertanejas” é mais abrangente do que “mulheres rurais” e pode-se referir tanto às mulheres que vivem no campo, quanto àquelas que vivem nas cidades do interior do Brasil, em regiões consideradas “sertão”, e nas quais prevalecem as relações do mundo agrário, de uma cultura comunitária em que os laços de parentesco, amizade e vizinhança alimentam o cotidiano de vida nestas cidades. A diferença é muito sutil, pois, se consideramos Sérgio Buarque de Holanda, até as primeiras décadas do séc. XX as cidades no Brasil são uma continuação do campo. O campo prevalece sobre as cidades. Ainda assim, o rural tem uma conotação mais específica, enquanto que o conceito sertão comporta tanto o rural, como pequenas cidades. Portanto, este artigo também lança mão de estudos que dizem respeito à vivência das mulheres rurais, levando em conta que essas descrições são compatíveis com o modo de vida sertanejo.

Pensar a interface gênero e sertão remete a Cavalcante (2004b) quando pontua que:

O sentido de sertão é referência da condição de isolamento econômico, político e de comunicação até os anos 70 do século XX, em lugares do norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Convém ressaltar como Azevedo (*apud* Lima, 1999, p. 50), que esta questão do isolamento não se aplica apenas ao Brasil rural, mas a todo o Brasil em relação a outras nações durante o período colonial e no interior da unidade nacional, entre diferentes grupos e instituições. Isolamento que prossegue no século XX. A categoria gênero referencia a experiência do cotidiano de mulheres de uma cultura local, dita sertaneja. Com relação a essa cultura, convém ressaltar com Sergio Buarque de Holanda, quando pontua, em *Raízes do Brasil*, a predominância dos costumes rurais sobre o urbano no Brasil dos anos 30/40, que essa tendência persiste até meados da década de 70 do século XX em alguns lugares do Brasil. (p. 1021).

A partir da discussão sobre gênero e sertão, é notório que as sertanejas que viveram nas décadas de 1930/1970 no estado de Goiás viveram sob a égide de uma dominação masculina, em que o gênero masculino assume uma posição privilegiada frente ao gênero feminino, no que diz respeito às questões relacionadas à vida pública e à cidadania. Esse aspecto da organização social do sertão interfere nos espaços materiais e simbólicos ocupados pelo feminino, de maneira que o cotidiano das sertanejas é marcado pela pujança da soberania dos homens.

Melo e Di Sabbato (*apud* Hernández, 2010) discorrem acerca da invisibilidade da mulher nos contextos rurais:

É nesse contexto que emerge o questionamento da participação feminina no mundo rural a partir da constatação da invisibilidade do seu trabalho e de sua fraca inserção nas atividades agropecuárias. [Melo e Di Sabbato (*apud* Hernández, 2010:98)].

Quando defrontamos com as questões de gênero no sertão, as relações de poder implicadas nas relações entre homens e mulheres e a naturalização de uma construção histórica que submete as mulheres ficam evidentes. Afirmam Badalotti, Renk e Winckler (2010):

As relações de gênero, assim como subalternidade do campesinato frente à sociedade, são construções históricas. Embora naturalizadas, as ações nas últimas décadas indicam a possibilidade de mudanças. As mulheres que estão na faixa de 70 anos, consideradas aqui como socializadas nos padrões tradicionais, ao expressarem suas vivências em comparação com as gerações seguintes, dirão que “era uma lei”. Essa lei representava a subalternidade, quando não a submissão, no espaço familiar e nas situações correlatas. As mulheres eram conhecidas como filhas de ou mulher de, ou seja, a condição civil subsumida. (p. 373).

A condição civil subsumida, como afirmam os autores, manifesta-se no trabalho árduo diariamente realizado pelas sertanejas, que é subestimado pelas figuras masculinas e até por elas mesmas. Aspectos relativos à autonomia, como o direito de ir e vir dessas mulheres, são cerceados e limitados pelos homens. A sociedade da época qualificava como “obrigação moral” das sertanejas cultivar a “honra”, daí a necessidade de acompanhantes para deixar os ambientes domésticos. Discutem os autores:

No sentido habitual, a mulher e os jovens, apesar da longa jornada de atividades, não trabalhariam. O trabalho era prerrogativa do chefe de família. Os demais “ajudariam”. Entra em jogo o entendimento de que a categoria trabalho era prerrogativa de quem tinha o poder de decisão, do que plantar, de quando plantar, onde, como e quando colher e para quem vender e em que condições. Esses assuntos não eram do domínio da família. (Badalotti, Renk e Winckler, *op. cit.*, p. 373).

As restrições em relação às mulheres faziam com que fossem consideradas e tratadas como alguém sem a capacidade plena, pesando sobre elas a constante vigilância. Quando solteiras estavam sob a completa vigilância dos pais, guardiões da honra. Essas mulheres, objetos preciosos nas trocas matrimoniais, como diria Levi-Strauss (1976), eram também capitais lábeis. Além de outros atributos como

saúde, saber realizar as tarefas domésticas e agrícolas, das mulheres exigia-se reputação moral. Por exemplo, a filha de um agricultor, para deslocar-se ao centro urbano ou à residência de outro agricultor, era acompanhada por irmão, ainda que com idade inferior à sua. Sendo um elemento masculino, garantiria a reputação feminina. (*idem*).

Sobre as relações matrimoniais no contexto sertanejo, as relações são pautadas no que a sociedade da época declarava como honra, de modo que, possíveis afetos entre marido e mulher não seriam fundamentais para que o enlace matrimonial se efetivasse. A honra, nos termos femininos, é referente à virgindade e à disposição para realizar trabalhos no campo e atividades domésticas, tais como: cozinhar, costurar, etc... Para o homem, era fundamental que se dedicasse ao trabalho e ao acúmulo de bens. Nesse contexto, a questão da sexualidade, principalmente da sexualidade feminina, é um não dito; falava-se pouco ou quase nada a esse respeito. O sexo era experimentado pelas mulheres como uma obrigação matrimonial. Diz-se:

Nesse contexto, o casamento era um negócio de família (Woortmann, 1995) no qual os aspectos afetivos não entravam em jogo. O importante era que os nubentes fossem de famílias de boa índole e trabalhadoras (...). A sexualidade era tabu e a expressão desejo considerada como anormal. O sexo era encarado como dever da mulher cristã em relação aos desejos masculinos. Afeto não entrava na relação, no máximo o respeito. (Almeida e Oliveira, 2010, p. 273).

A respeito das implicações da construção de práticas sociais pertinentes ao gênero feminino na vivência da sexualidade por parte das mulheres, Hime (2008) diz que uma série de significados atribuídos ao corpo feminino permeia a relação das mulheres com o sexo. Em uma sociedade como a sertaneja, em que a desvalorização do gênero feminino frente ao gênero masculino faz-se evidente e na qual o sexo é, ou deveria ser, encarado pela mulher como uma obrigação matrimonial, a imagem do corpo feminino como um corpo dócil e subordinado é muito presente no ideário coletivo. Afirma Hime:

Bandeira (1999) diz que em nossa sociedade ter um corpo de mulher implica em responder a uma série de apelos que o ideário da cultura estabeleceu, isto é, o corpo deve ser dócil, desejanse e harmonioso e a sexualidade, sadia. O corpo feminino inscreve-se, dessa forma, em um sistema pautado pela subordinação, por meio de práticas sexuais normativas. (Hime, *op. cit.*, p. 190).

Hime prossegue na discussão acerca da interface gênero e corpo:

Nas sociedades de dominação patriarcal há um controle sobre o corpo feminino não só em relação à sua capacidade reprodutiva, mas também à atratividade: homens e mulheres podem dar e receber prazer com seus corpos, mas apenas o feminino é considerado objeto sexual, portanto desfrutável, devassável. O corpo feminino se constitui um bem, fonte de prazer para si e para o outro, mas torna-se vulnerável ao abuso e à violência física, sexual e moral. (Hime, 2008: 192).

Na estrutura familiar sertaneja, na maioria das vezes constituída através do matrimônio, as atividades desempenhadas pelas sertanejas são nomeadas como “ajuda”, de modo que, pais, maridos ou elas próprias elegem sua participação na promoção de renda como “ajuda”:

As mulheres se percebem como coadjuvantes, principalmente na lavoura (...). Embora a maioria das mulheres reconheça a participação dos maridos ou dos filhos nas diversas atividades domésticas e produtivas, essa participação é categorizada como ‘ajuda’. (Hernández, 2010: 106).

A discussão a respeito da participação da sertaneja, nas atividades que geram renda ou dão suporte para manutenção da produção da subsistência, como mero auxílio na estrutura familiar, é comum nos trabalhos de autores que discorrem sobre gênero em contextos rurais. Rodrigues e Torres (2010) aprofundam essa questão:

Percebe-se claramente que a noção de ajuda é um plasma cristalizado no imaginário dessas mulheres. Trata-se de uma visão naturalizada articulada por processos de grande alcance social, ancorada em substratos patriarcalistas e patrimonialistas de longa duração. (p. 239).

Os autores seguem na análise do tema argumentando que a noção de “ajuda” se apoia no ideal de homens e mulheres sertanejos, que consideram as atividades femininas como atividades “leves”, enquanto as atividades desempenhadas pelos homens são as “pesadas”. A partir daí, justifica-se o trabalho masculino como indispensável e considera-se o trabalho das mulheres complementar:

Observamos que a ideia sobre o que é “leve” e “pesado” está relacionada com a noção que os indivíduos têm sobre as atividades desenvolvidas dentro do sistema produtivo. Na esfera privada as mulheres realizam tanto as tarefas “leves” quanto as “pesadas”. (...) Esta situação demonstra que as noções de “leve” e “pesado” rearticulam por construções culturalmente determinadas e, por isso, são relativas. (Rodrigues e Torres, 2010: 242).

O trabalho feminino realizado no espaço público do roçado não é considerado trabalho produtivo nos termos da sociologia do trabalho; é visto como ajuda ao marido no plano do complemento da renda

familiar. [Maués, 1993; Ribeiro e Fabr , 2003 (*apud* Rodrigues e Torres, 2010: 235)].

Confirmando a divisão sexual do trabalho como aspecto fundamental da análise das disparidades entre os g neros, as autoras recorrem ao manejo das ferramentas na produ o agrícola. Para elas, fica nítido que o espaço ocupado por cada um no sistema produtivo se manifesta, dialeticamente, nas hierarquias sociais estabelecidas entre os g neros no contexto rural. Afirmam as autoras:

Conforme o tempo passa e as ferramentas v o sofrendo desgaste, tornando-se naturalmente menos ágeis na produ o, elas passam a ser usadas no roçado no âmbito doméstico pelas mulheres, indicando assim a categoria “ajuda”. Segundo Woortmann e Woortmann (1997, p. 138) “existe uma homologia entre a série de instrumentos “plenos” e “marginais”; pessoas “plenas” e “marginais”. (Rodrigues e Torres, *op. cit.*, p. 248).

Tendo em vista o panorama aqui proposto sobre as condi es históricas e socioecon micas que envolvem a posi o ocupada pelas mulheres na hierarquia social do campo, é sabido que o gênero feminino é constantemente submetido e desvalorizado em uma organiza o social fortemente permeada por valores masculinos. Destacamos as circunstâncias nas quais o poder do feminino frente ao masculino   defasado, especialmente nas questões relativas ao trabalho no mundo rural. A invisibilidade das mulheres sertanejas, no entanto, dá margem para uma discussão profícua quando nos aproximamos do cotidiano dessas mulheres. O presente artigo propõe algumas questões: quais os espaços ocupados pelas mulheres sertanejas; eles se restringem ao âmbito doméstico? Quais os saberes compartilhados por essas mulheres? Por último, a invisibilidade das mulheres sertanejas no discurso histórico é notória: sabe-se pouco a seu respeito, mas elas, de fato, estavam constantemente submetidas às vontades e às ordens masculinas ou elas possuíam condi es de enfrentamento e possibilidades de realiza o das próprias vontades? Se sim, o faziam como? Certamente, as diferenças individuais entre as mulheres que viveram nesse contexto histórico se fazem presente aqui, isto é, as artimanhas e as maneiras de realizar os próprios desejos são aspectos subjetivos, que variam de acordo com a individualidade de cada uma.

Dentre os saberes compartilhados pelas sertanejas e, principalmente pelas mulheres mais velhas, Aguiar (2010) ressalta o elevado conhecimento sobre as plantas medicinais. Os recursos de tratamento médico eram poucos, devido ao isolamento, característico do sertão, de centros urbanos nos quais o saber médico era mais

facilmente acessado. No sertão mesmo as famílias de posses, que também estavam submetidas ao distanciamento entre o mundo urbano e o mundo rural, lançavam mão de tratamentos com plantas nativas que possuíam poderes curativos:

As mulheres dominam um grande espectro de conhecimentos sobre as plantas medicinais voltadas para a saúde da família, tanto as nativas como as cultivadas no quintal. Este conjunto de conhecimento pertence às mulheres mais velhas, ainda que os homens também sejam grandes conhecedores. Associado ao acesso e manejo do recurso vegetal medicinal, as mulheres também dominam os conhecimentos relativos às práticas de preparo, processamento e uso destes vegetais. (Aguiar, *op. cit.*, p. 231).

Sobre a familiaridade das sertanejas com as plantas medicinais e o papel de cuidadora por elas desempenhado, pontua-se:

A carência de recursos médicos impulsionava a naturalização do papel feminino no cuidado aos doentes e feridos com chás, compressas e corolários. Também a mulher era a parteira. (Badalotti, Renk e Winckler, 2010: 375).

Como depositária de uma sabedoria acerca da natureza, a qual acumulou nos anos vividos em contato íntimo com a terra, a nossa mulher rural idosa é aquela que pode transmitir às suas filhas e demais descendentes, os segredos sobre a época da maturação dos frutos, os saberes acerca das ervas medicinais, seu valor e seu preparo. (Ribeiro, 2005: 150)

Outro saber arraigado à cultura feminina sertaneja vincula-se aos valores religiosos. A devoção, a fé e a presença assídua na comunidade religiosa são características do cotidiano dessas mulheres:

Outro espaço de efetiva participação das mulheres nessa comunidade é o campo religioso, seja na igreja católica ou na igreja evangélica existente no local. São elas que preparam e organizam as atividades festivas da comunidade (...). De acordo com Maués (1993), a atuação da mulher no campo religioso se limita a ser uma espécie de extensão de suas atividades domésticas. A limpeza e ornamentação da igreja é uma continuidade das atividades feitas na esfera privada, situada no campo familista. (Rodrigues e Torres, 2010: 250).

É coerente considerar a participação das mulheres no campo religioso como similar à participação na esfera doméstica. Todavia, é importante destacar que se trata, sim, de um espaço público no qual elas exercem atividades fundamentais no que diz respeito à manutenção dos eventos religiosos e da atuação da comunidade religiosa como um todo. As pesquisadoras não falam do assunto a partir da perspectiva de

transformação das assimetrias constatadas entre os gêneros, pois certamente a participação das mulheres no campo religioso não garante isso. Por outro lado, garante um espaço público permeado pela atuação feminina, assegura a possibilidade de construção de uma rede social entre as sertanejas e entre as famílias que frequentam a igreja. Garante, enfim, a possibilidade de construção de uma identidade que atua e faz-se importante na esfera religiosa da comunidade, pois, os valores religiosos são compartilhados por toda a comunidade rural e sertaneja. Por último, se o campo religioso assegura contato social, também promove trocas subjetivas e são exatamente as trocas de casos, histórias, impressões, relatos das atividades desenvolvidas na semana, frustrações, realizações, angústias, etc. que dão margem para a reflexão e construção da própria percepção dos espaços de sociabilidade e construção da identidade dessas mulheres.

Na discussão sobre as estratégias de ocupação dos espaços públicos e reconhecimento no âmbito do trabalho realizado na esfera privada, devemos reconhecer as mulheres sertanejas como agentes de quaisquer mudanças nesse sentido. O desejo de ter sua participação reconhecida e de transpor as assimetrias frente ao gênero masculino fica claro no estudo de Almeida e Oliveira (2010):

Deixaram explícito o desejo das mulheres de participar mais efetivamente das decisões, tanto no âmbito privado quanto no público, considerando a importância de evitar desentendimentos no seio da família. Ou seja, elas querem ser reconhecidas como sujeitos de suas próprias vidas, mas não estão dispostas a sacrificar a família. (p. 272).

A fala destacada abaixo é de uma sertaneja e revela a satisfação dessa mulher em, finalmente, poder realizar uma tarefa simples, mas até então, exclusiva do cotidiano masculino. Assumir papéis civis reflete na validação da própria identidade das mulheres sertanejas, capazes de posicionarem-se frente aos maridos e frente aos outros com mais dignidade e com mais instrumentos de ação e realização de suas vontades e planos:

Olha, uma vez, a gente nunca ia ao banco, e agora, se for preciso ir e fazer as coisas, eu vou, agora, já sei. Antes era só casa e trabalhar. Só que também antigamente eram sempre os homens que iam ao banco. (agricultora de 43 anos *apud* Hernández, 2010: 110).

É interessante observar como, dentro do modelo masculino sertanejo, as mulheres movimentam-se de modo a encontrar algum espaço de realização pessoal. Partindo dessa análise, Scott (2010) considera que, no decorrer dos anos, as relações

entre os gêneros tendem a se modificar e deixam de assumir uma assimetria, antes tão claramente verificada, e passam, ao que podemos considerar, como uma relação de negociação entre os gêneros. Afirma o autor:

Ao mesmo tempo, justamente nestes locais onde é mais nitidamente estabelecida a ideia de que as mulheres “ajudam”, os estudos ressaltam nuances de significados que contestam qualquer ideia simples de “conformismo” ou de “complacência”. Descobrem espaços de agência feminina, entremeados nas práticas observadas; repensam a ajuda em termos de “complementação”, mostram uma pluriatividade que confere uma valorização a fontes diversificadas nas quais a contribuição feminina é fundamental; revelam mulheres que assumem plenamente as tarefas e que não podem ser concebidas como simplesmente “ajudando” (...). Ou seja, não restringir a compreensão de práticas femininas no campo a uma caracterização simplória de “ajuda” contribui para uma abordagem de gênero como relações de poder em constante negociação entre mulheres e homens em domínios de poder diversos. (SCOTT, 2010: 26)

Desse modo, conclui-se que a participação das mulheres sertanejas no sistema produtivo é central, fundamental para a manutenção da família e imprescindível para a sobrevivência material e imaterial da unidade da família (Rodrigues e Torres, 2010). Especificamente, a respeito das mulheres do sertão de Goiás, afirma Romano (2010):

As mulheres do sertão goiano contribuíram para o desenvolvimento da cidade, através de suas experiências marcaram profundamente os rumos da economia dos territórios onde viveram, contrariando a tradição histórica que associou as mulheres à natureza e os homens à cultura, e com isto negou às primeiras o caráter civil (Bittar, 1999). Explorando essa relação em Goiás, percebe-se de que maneira o papel de sujeito foi retirado das mulheres, ao mesmo tempo em que compreendemos como elas se fazem ouvir, em tempos de isolamento, e tornaram possível a restituição de seus lugares na história através de suas experiências.

Embora o silêncio a respeito da trajetória das sertanejas seja marcante na historiografia brasileira, as experiências e contribuições das mulheres no sertão e para a comunidade sertaneja são inúmeras. Afirma Salles (2004):

A mulher, em sua trajetória na terra goiana, atuou intrepidamente, afrontando os reveses, com suas possíveis debilidades de momento. Ajudou a construir a sociedade rural, como procriadora, responsável pela educação de sua prole e trabalhadora em todo serviço que se lhe defrontava. Labutou na terra, nas lidas domésticas e no pequeno artesanato, em sua casa, para suprir as deficiências de suas vidas. Auxiliou a formação de comunidades, centros que objetivaram desbravar a terra. Com o tempo, ora espaçadamente, ora mais próximos, os arraiais se implantaram, tendo no centro a capela de

oração e as casas pouco confortáveis pelos arredores, simultaneamente, ranchos de capim, conforme as posses de seus moradores. Com um pequeno comércio, inexpressivo, alguma botica, curandeiros nas proximidades que auxiliavam a combater os males que por vezes assolavam a população (...). Vemos que a sertaneja de Goiás, talvez como as outras que habitaram a zona rural do Brasil, apresenta semelhanças dignas de realce, por sua capacidade expressiva no cumprimento do dever da dona de casa e mãe de família (...). É preciso dizer, no entanto, que a sertaneja de Goiás ainda merece um adjetivo que lhe deve ser inerente: a de heroína de seu gênero, pela força de seu caráter, sua resistência de pioneira sensata e amorosa. (p. 1047).

Ainda que inseridas em uma cultura do “pátrio poder”, as sertanejas goianas não anularam os seus próprios projetos de vida. Como possuem uma história marcada pelo silêncio, uma vez que a palavra, na cultura da época, era ditada pelos homens, é preciso um olhar atento, perscrutador dos gestos e falas do cotidiano dessas mulheres para enxergarmos além do que as narrativas históricas, construídas a partir do sujeito masculino, têm evidenciado, ou seja, para acessarmos outros protagonismos de vida na perspectiva de mulheres que viveram o sertão.

As sertanejas goianas não foram mulheres que viveram à mercê dos desejos masculinos e indiferentes às próprias vontades. Ao contrário, observamos na literatura e no discurso dessas mulheres as diferentes maneiras que elas encontraram de “burlar” a primazia do gênero masculino e imprimir no mundo ao redor a sua própria marca. O trabalho no roçado é um dos aspectos que deixa evidente a relevância da presença feminina para a economia familiar. Capel (2004) discute a esse respeito e acrescenta o quanto o trabalho das sertanejas, que era intenso e muitas vezes desqualificado como “ajuda”, foi também uma possibilidade de afirmação da própria dignidade. O espaço sertanejo e rural permite certa liberdade de circulação. Portanto, enquanto trabalhavam, as mulheres podiam caminhar pelas lavouras ou pelos quintais desacompanhadas e, ao menos nessa circunstância, era garantido o direito de ir e vir:

Mesmo que o trabalho feminino tenha sido pouco valorizado, é evidente que possuía significação na sociedade rural em Goiás e lhe conferia autonomia, base de decisão e poder. São comuns os relatos de que, na área rural, é a mulher que administrava o dinheiro trazido pelo marido. Talhada no século XIX especialmente para a vida doméstica e privada, a mulher terá um papel bem mais fluido e dinâmico no mundo rural. São espaços abertos, que integram a casa e o terreiro, que não permitirão o confinamento feminino estabelecido no século XIX. Nas casas rurais, as mulheres são as guardiãs do asseio, das contas, senhoras da cozinha. (Capel, 2004:1189).

Badalotti, Renk e Winckler (2010) descrevem outro aspecto relevante: muitas vezes a venda de leite, queijos, doces ou hortaliças era realizada pela mulher que tinha certa liberdade em administrar os recursos financeiros provenientes dessas pequenas vendas, não sem prestar contas ao marido ou mesmo às escondidas. No entanto, trata-se de um momento em que a relação entre os gêneros está menos verticalizada, pois, a partir do próprio trabalho, as mulheres poderiam decidir o que fazer com essa renda. Afirmam os autores:

Embora laborasse de sol a sol e fosse responsável pelas atividades domésticas, havia ainda uma atividade suplementar, que era a economia feminina. Aí entram em jogo os poucos recursos obtidos com a venda de ovos, queijo, manteiga e hortaliças para clientes urbanos. Esses recursos eram administrados com certa liberdade pela mulher, em benefício da unidade familiar. (Badalotti, Renk e Winckler, *op. cit.*, p. 377).

Considerando um breve panorama das sertanejas de Goiás, é possível perceber mulheres ligadas a terra, ao trabalho agropastoril, à cozinha, ao coser, à educação dos filhos, aos deveres matrimoniais, à religião, ao conhecimento do poder medicinal das plantas do cerrado, envolvidas nas transformações e na melhoria da qualidade de vida da comunidade... Em suma, mulheres protagonistas que suportaram as intempéries da vida sertaneja. Além dos poucos recursos oferecidos pelo sertão, dada à condição de isolamento político e econômico da região, as sertanejas enfrentaram os poucos recursos de realização das próprias vontades e legitimação da própria individualidade, ante uma sociedade que deslegitimava o trabalho árduo e cotidianamente realizado por estas mulheres. Falamos, pois, de mulheres que, em meio a uma vida de intenso labor e profunda desvalorização pessoal, optaram por buscar caminhos que propiciassem o reconhecimento dos próprios desejos e negociaram com a realidade, das mais diversas maneiras, suas possibilidades de realização.

Referências Bibliográficas:

AGUIAR, Maria V. A.. Complementariedade de gênero e o papel das mulheres morroquianas para a manutenção da agrobiodiversidade em uma porção do cerrado brasileiro. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.). Gênero e Geração em contextos rurais. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

ALMEIDA, Mariomar; OLIVEIRA, Hersilia M. C.. Relações de gênero e poder no assentamento rural Araraíba da Pedra – Cabo de Santo Agostinho – Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide

- e MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.
- BADALOTTI, Rosana M.; RENK, Arlene; WINCKLER, Silvana. Mudanças sócio-culturais nas relações de gênero e inter-geracionais: o caso do campesinato no Oeste Catarinense. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- CAPEL, Heloisa. A Cozinha como espaço de contra-poder feminino. *Fragments de Cultura*. Goiânia, v. 14, n. 6, p. 1183-1192, jun. 2004.
- CAVALCANTE, Maria E.S.R. Gênero e perspectivas da Pesquisa Histórica no Brasil Central. *Fragments de Cultura*. Goiânia, v. 14, n. 6, p. 1021-1025, jun. 2004b.
- CAVALCANTE, Melina. Biografia Feminina, Gênero e Envelhecimento: a vida de uma mulher do sertão goiano. São Paulo, 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- HERNÁNDEZ, Carmem O. Reconhecimento e autonomia: o impacto do Pronaf – Mulher para as mulheres agricultoras. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- HIME, Flavia A. Sexualidade da mulher. In: MEIRELLES, Valéria (Org.). *Mulher do século XXI*. São Paulo: Roca, 2008.
- RIBEIRO, Ana Lúcia. Deméter do cerrado mineiro: envelhecimento e corporeidade em mulheres rurais. In: CORTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth F. & GAETA, Irene (Org.). *Velhice, envelhecimento, complexidade...* São Paulo: Vetor, 2005.
- RODRIGUES, Luana M.; TORRES, Iraildes C.. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.
- ROMANO, Shirlei F. *Mulheres do sertão: Vozes, narrativas e visibilidades*. Goiânia, 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- SALLES, Gilka V. F. A Mulher do Sertão de Goiás. *Fragments de Cultura*. Goiânia, v. 14, n. 6, p. 1035-1048, jun. 2004.
- SCOTT, Parry. *Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações*. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.). *Gênero e Geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.